

TALES FARIA

Jornalista e comentarista de política

Voto útil já alarma as campanhas de Zema e de Caiado

As campanhas a presidente da República dos ex-governadores Ronaldo Caiado (PSD), de Goiás, e Romeu Zema (Novo), de Minas Gerais, estão com seus sinais de alerta ligados. Não admitem publicamente, mas temem chegar ao final do primeiro turno com menos de 5% dos votos.

A avaliação que seus aliados fazem das pesquisas de intenção de voto apontam que já há uma movimentação do eleitorado em direção ao chamado “voto útil”. Segundo o Dicionário Jurídico, trata-se de uma estratégia de voto em que o eleitor, para evitar a vitória do candidato que rejeita fortemente, opta por outro que tem mais chances de vencer o primeiro, embora não seja esse o nome de sua preferência.

Segundo a última pesquisa Quaest, divulgada na quarta-feira, 5, Caiado obteve 4% das intenções de voto e Zema, 2%. Com pontuação próxima à dos dois está Renan Santos, do Partido Missão. Mas essa é a primeira campanha eleitoral de Renan, e ele veio com um partido recentemente criado. Uma eventual derrota com menos de 5% não terá o mesmo peso que teria para os dois ex-governadores com partidos já estabelecidos. Menos de 5% será um desastre para eles, caso ocorra.

No primeiro turno, a pesquisa Quaest revelou que 39% dos entrevistados estão dispostos a votar no presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), enquanto 30% votariam em Flávio Bolsonaro (PL). Já para o segundo

turno, 44% se disseram dispostos a votar em Lula e 39%, em Flávio. É como se o filho do ex-presidente Jair Bolsonaro carregasse para si, no segundo turno, praticamente todos os votos de Caiado, Zema e Renan, que somaram 10% no do primeiro turno.

Como se o eleitor dissesse: “Eu gosto do Caiado, do Renan e do Zema, votaria num deles. Mas estou propenso a votar mesmo em Flávio, tanto que já optei por ele em segundo turno”. Isso assusta os candidatos desse segundo pelotão, porque mostra que pode já estar havendo uma escolha agora, com cristalização dos votos finais nos polos principais da disputa, Lula e Flávio Bolsonaro.

Entre o primeiro e o segundo turno, a pesquisa não apontou grandes alterações entre indecisos, ou aqueles que não pretendem votar, ou optam por brancos e nulos. No total, saíram de 18% para 17%. E Lula também parece carrear os votos de praticamente todos os nanicos de esquerda e centro-esquerda que não aderiram à sua chapa.

As campanhas de Caiado e Zema pretendem concentrar esforços em evitar que o eleitor decida agora pelo voto útil. Caiado já havia adotado antes essa estratégia, tentando mostrar na campanha o que ele tem que Flávio Bolsonaro não tem: experiência, moderação. Zema chegou mais tarde na conclusão de que precisa se diferenciar. Até porque, sempre houve a possibilidade de se juntar a Flávio na mesma chapa, como vice.

Mas o candidato do PL não se esforçou em trazer Zema para sua chapa e já anunciou o deputado Alfredo Gaspar (PL-AL) como seu vice. Os Bolsonaro não gostam de assumir compromissos com ninguém, e isso não só impediu eventuais alianças como abriu rachaduras até mesmo dentro da família.

FERNANDO MOLICA

Jornalista e escritor

O pastel e o empréstimo

Políticos, que adoram posar comando pastel em áreas de comércio popular, poderiam, pelo menos, pensar em qual seria a reação do feirante ou de frequentadores de um bar diante de algumas de frases em que tentam explicar o inexplicável.

Segundo reportagens, o presidente Lula teria usado um desses argumentos capazes de provocar risos em qualquer esquina para defender Marco Aurélio Ribeiro Santana, seu ex-chefe de gabinete.

Questionado sobre um valor que lhe fora entregue pela empresária Roberta Moreira Luchsinger, Marcola, como é conhecido, afirmou que o dinheiro era fruto de empréstimo, quitado com o pagamento de R\$ 249 mil. Lula teria, então, dito numa reunião: “Quem aqui nunca pediu empréstimo para um amigo?”.

O petista tem o direito de defender o ex-auxiliar, de pressupor sua inocência, de considerar suas explicações. Mas, presidente, há empréstimos e empréstimos. É razoável pedir para um conhecido pagar um almoço ou jantar, inteirar o dinheiro da passagem.

No limite, não seria inédito pedir algo mais polpudo. Mas, amigos, amigos; lobistas à parte. Pelo que se sabe, Roberta Luchsinger, ex-candidata a deputada pelo PT em São Paulo, é dona da RL Consultoria e Intermediações S.A., é mais um daqueles persona-

gens que gravitam em torno do poder para propor, prospectar e — como diz o nome de sua empresa — intermediar negócios. ntermediações.

Até aí, OK. Apesar de não ser regulamentada no Brasil, a atividade do lobby não é ilegal, empresas e setores organizados da sociedade podem defender seus interesses. Mas não é aceitável que integrantes do governo — ainda mais alguém com acesso direto ao presidente — peçam ou aceitem vantagens de lobistas, por maior e mais desinteressada que seja a amizade entre os personagens em questão.

A posição que Marcola ocupava no Planalto e a atividade profissional de Roberta deveriam ter feito com que ele procurasse outra amizade para obter o tal — e, até agora, não comprovado — empréstimo.

Nas suspeitas que envolvem Fábio Luís Lula da Silva, seu primogênito, o presidente tem, pelo menos em suas comunicações públicas, adotado uma postura mais compatível com o cargo, e repete que não irá interferir nas investigações, um tipo de declaração que deveria ser desnecessária em um regime democrático e republicano.

Marcola, que já havia deixado o cargo no palácio, não integra mais a campanha de reeleição de Lula. Cabe agora à Polícia Federal apurar se ele, de alguma forma, facilitou a vida de Roberta no governo, o que poderia indicar um crime. Ao presidente não cabe fazer nada: no máximo, pode pensar no que diriam seus companheiros de São Bernardo se ouvissem sua pergunta retórica sobre um empréstimo de R\$ 259 mil.

EDITORIAL

A IA otimiza, mas nunca substituirá o ser humano

A inteligência artificial deixou de ser uma promessa futurista para se tornar uma ferramenta presente no cotidiano de milhões de profissionais. Em escritórios, hospitais, escolas, indústrias e até em atividades criativas, ela já demonstra uma capacidade impressionante de automatizar tarefas repetitivas, organizar informações, analisar grandes volumes de dados e oferecer respostas em questão de segundos. Ignorar esse avanço seria um erro. Mais do que uma tendência, a IA representa uma oportunidade concreta de aumentar a produtividade e liberar as pessoas para funções de maior valor estratégico.

Ao assumir atividades operacionais, a tecnologia permite que profissionais dediquem mais tempo ao planejamento, à inovação e ao relacionamento humano. Um advogado pode pesquisar jurisprudências com mais rapidez; um médico pode contar com apoio para interpretar exames; um professor pode preparar materiais personalizados em menos tempo. Em todos esses casos, a inteligência artificial funciona como uma poderosa aliada, reduzindo desperdícios e ampliando a eficiência.

No entanto, eficiência não é sinônimo de protagonismo. Existe uma diferença fundamental entre executar uma tarefa e fazer as coisas acontecerem. A IA responde a comandos, identifica padrões e aprende com dados disponíveis. Já o ser humano interpreta contextos, assume riscos, negocia conflitos, inspira equipes e toma decisões considerando fatores que vão muito além da lógica estatística.

São justamente essas características que fazem a diferença diante de situações inéditas. A criatividade nasce da capacidade de conectar experiências, emoções e valores. A liderança depende de confiança, empatia e visão de futuro. O empreendedorismo exige coragem para decidir mesmo quando não há garantias. Nenhuma dessas competências pode ser reduzida a um algoritmo.

A história mostra que toda grande inovação tecnológica transformou profissões, mas não eliminou a necessidade do pensamento humano. O desafio atual não é competir contra a inteligência artificial, e sim aprender a utilizá-la de forma inteligente. Os profissionais mais valorizados não serão aqueles que rejeitarem a tecnologia nem os que dependerem exclusivamente dela, mas os que conseguirem unir velocidade digital com discernimento humano.

A IA pode organizar informações, sugerir caminhos e otimizar processos. Mas continuará sendo uma ferramenta. A iniciativa, a responsabilidade, a capacidade de mobilizar pessoas e a determinação para transformar ideias em resultados permanecem atributos exclusivamente humanos. Em um mundo cada vez mais automatizado, será justamente essa mentalidade — a de quem sabe fazer acontecer — que continuará sendo o maior diferencial de qualquer profissional.

OPINIÃO DO LEITOR

Pai merece

Pai é calor humano. Ensina lições de virtudes, respeito ao próximo, decência nas atitudes. Abre conta no banco. Torcem juntos nos estádios. Uniformizados, com boné. Pai sugere, alerta, lamenta, aplaude. Viajam juntos. Pegam cineminha, museus e teatros. Feliz do filho que ainda tem ombro carinhoso e amigo do pai para abraçar, beijar e agradecer.

Vicente Limongi Netto, Brasília - Distrito Federal

Contribuições por e-mail: endereço@correiodamanha.net.br

Correio da Manhã

FUNDADO EM 15 DE JUNHO DE 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929) | Paulo Bittencourt (1929-1963) | Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

www.cm.com.br

Publisher

CLÁUDIO MAGNAVITA

redacao@correiodamanha.com.br

REDAÇÃO

Affonso Nunes (editor #cm 2) Gabriela Gallo, Ive Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima (Coordenador editorial)

Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil

EDITORIA DE ARTE

Coordenação: José Adilson Nunes (projeto gráfico); Diagramação: Anderson Sá, Ricardo Gomes (projeto gráfico) e Thiago Ladeira - Marcos Lima (Gestor de TI)

TELEFONES

(21) 2042 2955 **Whatsapp:** (21) 97948-0452 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872

RIO DE JANEIRO

Av. João Cabral de Mello Neto 850 Bloco 2 Conj. 520 Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057

BRASÍLIA

ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Nucleo Bandeirantes Brasília - DF CEP 71736-20

SÃO PAULO

Av. Francisco Matarazzo, 1752, sala 2317, Água Branca - São Paulo-SP, - CEP 05001-200 Campinas: Avenida Aquidabã, 766, Sala 51, Centro - Campinas-SP, CEP 13010-132

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal